

CASSIODORO, Flávio Magno Aurélio. *Institutiones*: introdução às letras divinas e seculares. Trad. Hugo Medeiros. Campinas: Kírion, 2018, 237p. ISBN: 978-0-85-94090-09-6

A presente edição bilingue das *Institutiones*, uma obra clássica em sentido pleno, enriquece ainda mais os estudos sobre a filosofia e a educação do período de intercessão entre a Antiguidade Tardia e o Medievo. De fato, a intenção de Cassiodoro (c. 485-c. 585) é expor a Sagrada Escritura como um “compêndio dos conhecimentos das letras seculares” (p. 19).

Nascido na atual cidade de Squillace, sul da Itália, já nas ruínas do Império Romano, Cassiodoro foi um dos baluartes da pedagogia de sua época, com grande irradiação de influência. Conforme a apresentação do livro, a Europa Ocidental se transformara numa “colcha de retalhos de reinos germânicos que se esforçavam em manter-se de pé”. Na península itálica reinavam os ostrogodos, “*de jure* subordinados à corte de Constantinopla; *de facto*, porém, independentes” (p. 9). Ora, seguindo os passos do pai, o insigne literato ocupou altos cargos políticos do reino ostrogodo, alcançando a função de prefeito do pretório da Itália. Assinale-se que ele ascendeu a esse posto muito jovem (por volta dos 25 anos), graças à boa impressão causada por um panegírico dirigido ao rei Teodorico.

Redigiu várias obras, entre as quais: *Chronica*, *Historia Gothorum* e *Variae [epistolae]*, comentários

aos Salmos e um tratado sobre a alma. Com as reviravoltas da guerra entre Constantinopla e os ostrogodos (séc. VI), abandonou a vida pública, desesperançado da política.

Por volta de 545, fundou o célebre mosteiro de *Vivarium*, nos arredores da cidade natal, mais tarde aclamado como “embrião dos centros culturais monásticos da Idade Média” (p. 10). Em *Vivarium*, Cassiodoro trabalhou para preservar inúmeros escritos clássicos por meio de cópias e traduções. Para esta finalidade ditou diversas regras metodológicas para manter a fidelidade aos originais. É nesse contexto que nasceram as *Institutiones*, escritas por volta de 555, de início utilizadas como instrução dos monges, mas depois abertas a todos, tornando-se “uma das obras mais influentes do medievo” (idem). Com efeito, como sistematizador, o ilustre mestre consolidou o trabalho dos copistas e dos *scriptoria*, sem os quais muitas obras da Antiguidade e do Cristianismo perderiam o seu legado. No mosteiro vivariense redigiu boa parte de suas obras até a consumação de seu percurso terreno.

A obra em questão é dividida em dois livros. No primeiro, Cassiodoro versa sinteticamente sobre os livros sagrados e a herança de ilustres comentaristas, como Basílio, Ambrósio, Hilário, Atanásio, Gregório, Jerônimo, Agostinho etc. Ele ainda depura explicações (errôneas) de outros autores, como Orígenes e Ênio. Sobre o primeiro comenta: “Onde falou bem, ninguém melhor; onde falou mal, ninguém pior. Por isso, devemos lê-lo com cautela e sabedoria: para extrair dele os sucos saudáveis e expelir os venenos prejudiciais à nossa vida” (p. 33). Em contrapartida, revela a pulcritude e a relevância implícitas nas Escrituras Sagradas: “Toda a leitura é repleta de virtudes, nenhuma palavra é derramada em vão, nem tarda o discurso em mostrar seus frutos, conferindo aos obedientes a salvação eterna, restituindo o suplício perene aos soberbos” (p. 91).

Antes de mais nada, Cassiodoro lamenta que “os estudos das letras seculares eram desejados com grande ardor”, mas “faltavam professores públicos para as Sagradas Escrituras” (p. 19). Por isso, exorta ao recrutamento de doutores capacitados e à criação de uma espécie de Alexandria cristã. Assim, “as almas alcançariam a salvação eterna e a língua dos fiéis seria condecorada com uma eloquência casta e puríssima” (idem).

Recomenda ainda a leitura dos antigos, em particular as “admiráveis exposições dos Padres” e a memorizar

trechos da Bíblia, em especial dos Salmos, para assim interpretá-la com eficácia. Exorta ainda a não tentar a Deus no sentido de confiar a Ele a iluminação para interpretar as Escrituras, preterindo os estudos humanos e o hábito de leitura. Quanto ao segundo livro, ainda inclui “algumas breves observações acerca das regras de ortografia para que uma presunção grosseira dos corretores não se transmitisse precipitadamente à posteridade para ser por ela censurada” (p. 27). Paradoxalmente, porém, será graças aos lapsos dos copistas que se descobrirá a descendência dos manuscritos conforme o *stemma codicum* (espécie de árvore genealógica das cópias).

Após tratar brevemente de cada conjunto de livros bíblicos, Cassiodoro discorre sobre os seus modos de compreensão, a colaboração dos sínodos no esclarecimento da fé e das regras eclesiásticas, e a divisão das Sagradas Escrituras segundo Jerônimo, Agostinho e a *Septuaginta*.

Leciona ainda a não violar “as expressões idiomáticas das Sagradas Escrituras” nas traduções. Para Cassiodoro, aliás, a razão humana não alcança o sentido mais profundo da Bíblia sem o auxílio da infusão divina. Antes, as suas palavras “só podem ser compreendidas se o coração devoto crer que ensinam coisas verdadeiras e úteis” (p. 91).

Em seguida, aconselha a adoção de certos historiadores cristãos, como

Eusébio e Jerônimo (sobretudo o livro *Dos homens ilustres*). Não se olvida, por outro lado, do rol dos sábios “que brilham, como estrelas cintilantes, no céu da Igreja” (p. 99), tais como Hilário, “sutil por sua grande profundidade” (p. 99); Cipriano, “orador exímio” e “professor admirável” (p. 101); Ambrósio, “doce por sua persuasão imperturbável” (p. 101); Jerônimo, “propagador exímio da língua latina” (p. 101); Agostinho, “doutor exímio, subjugador de hereges, defensor dos fiéis e vencedor de famosos combates” (p. 105). Entre seus contemporâneos alude aos abades Eugípio e Dionísio. Quanto a autores suspeitos, torna suas as palavras do Apóstolo: “Experimentai de tudo e ficai com o que é bom” (I Ts 5,19-22).

Nos últimos capítulos, dedicados às letras divinas, já inclui alguns elementos úteis sobre as letras seculares, como a importância de se conhecer a cosmografia para distinguir os lugares santos.

O fundador de *Vivarium* ainda instiga seus discípulos com uma bela interpelação: “Confesso que, dentre as vossas tarefas que requerem esforço físico, é a do escriba – se realizada propriamente – a que mais me agrada. E não sem razão, talvez. Pois, relendo as Escrituras Divinas, ele instrui completamente a própria mente e, copiando os preceitos do Senhor, ele os divulga por toda parte. Que propósito mais feliz, que zelo mais louvável o de

pregar aos homens com a mão, liberar as línguas com os dedos, trazer a salvação discretamente aos mortais, lutar com pena e tinta contra as ilícitas tentações do diabo!” (p. 125.127).

Cassiodoro arremata com sugestões de livros médicos úteis, regras morais, leituras recomendadas e, é claro, instiga à oração, “para que não tenhamos nossa inteligência obscurecida pelo pecado” (p. 137).

Após trinta e três capítulos do primeiro livro, “um número congruente com a idade em que o Senhor ofereceu a vida eterna ao mundo” (p. 143), onde são inseridos “os princípios das leituras divinas” (p. 143), o Autor apresenta o livro sucessivo, dividido em sete capítulos para cada uma das artes liberais, conforme o *trivium* e *quadrivium* na denominação dos medievais. Cumpre pontuar que no Prefácio o Autor alerta que escolheu só algumas disciplinas, para evitar algum erro perigoso contra a “fé inabalável” (p. 23).

A primeira arte é a gramática, “a origem e o fundamento dos estudos liberais” (p. 145.147). A seguir traz à baila a retórica, “honorável e muito necessária” e a lógica, que “separa o verdadeiro do falso em abordagens breves e muito sutis” (p. 147). Por fim, comenta as quatro disciplinas matemáticas (*quadrivium*): aritmética, geometria, música e astronomia.

Para o mestre vivariense, “a gramática é a arte [*peritia*] de discursar

com beleza”, cujo fim “é agradar o ouvinte ou o leitor com um discurso trabalhado ou uma escrita impecável” (p. 149).

Já a retórica “é a ciência do bem falar acerca dos bens civis” (p. 153). Divide-se em cinco partes: “a invenção, a disposição (arranjo), a elocução (estilo), a memória (memorização) e a ação (declamação)” (p. 153). Há três gêneros de causas: demonstrativo (elogio ou repreensão), deliberativo (persuasão ou dissuasão) ou judicial (acusação/defesa ou aceitação/negação de benefícios). Há ainda seis partes da oração retórica: “O *exórdio* é a fala que prepara a alma do ouvinte para o restante do discurso. A *narração* é a exposição dos fatos, reais ou supostos. A *divisão* (partição) é aquela que, se realizada propriamente, torna o discurso todo límpido e transparente. A *demonstração* é aquela em que, pela argumentação, o discurso oferece à causa autoridade, confiança e firmeza. A *refutação* é aquela em que a demonstração dos adversários é destruída ou enfraquecida pela argumentação. A *conclusão* é o fim ou o término de todo o discurso em que por vezes se usa uma recapitulação comovente dos pontos principais” (p. 161).

A seguir trata da disciplina ou arte da dialética (lógica). Varrão (116 a.C. - 27 a.C.) a comparava a um punho fechado, ao passo que a retórica seria uma palma aberta, pois a primeira contrai a linguagem com a sua precisão

e a segunda a distende para o campo da eloquência (p. 167). Refazendo Macróbio, Cassiodoro define a filosofia como “a arte das artes, a disciplina das disciplinas” (p. 169). Ou ainda, a “filosofia é a meditação sobre a morte; essa definição é mais apropriada aos cristãos que, desprezando a vaidade deste mundo, conduzem sua vida de acordo com uma disciplina que imita a vida que terão na pátria futura” (p. 169). Por último, elucida os cinco predicáveis de Porfírio, as categorias de Aristóteles e as partes da oração, além de uma longa explicação sobre os tipos de silogismo. Aborda ainda a matemática como preâmbulo para o *quadrivium*. O estudo “da ciência que considera a quantidade abstrata” (p. 195) é recomendado, pois os elementos supramateriais afastam “em grande parte nosso apetite das coisas carnis e nos fazem desejar o que só podemos ver com a alma, mediante o auxílio do Senhor” (p. 197).

No quarto capítulo, o autor aborda a aritmética, isto é, “a primeira entre as disciplinas matemáticas” (p. 197), pois as demais – música, geometria e astronomia – necessitam daquela para o seu desenvolvimento, assistindo-as como “fonte e mãe” (p. 199). Após longa explicação sobre os números – definindo, por exemplo, pares e ímpares, números primos e o seu simbolismo bíblico –, conclui: “O número descobri-se necessário para que as concepções mais sublimes e poderosas sejam compreendidas” (p. 211).

A música é definida como “ciência da correta modulação” ou “ciência que trata dos números que estão relacionados aos sons” (p. 211.213). Recorda que Pitágoras atestara que o mundo foi criado segundo os princípios musicais. As suas partes são: harmonia, ritmo e métrica. Após tratar das harmonias e dos acordes, conclui: “A música é uma ciência muito agradável e útil que eleva nossa inteligência às coisas superiores e deleita nossos ouvidos com uma doce harmonia” (p. 219).

Já a geometria – etimologicamente, “medida da terra” – “é a descrição especulativa das formas e a prova visível de que dispõem os filósofos”, ou mais especificamente “a ciência da extensão imóvel e das formas” (p. 219).

Por último, a astronomia “versa sobre o curso dos astros no céu” (p. 223) e, “se a buscamos com espírito moderado e casto” (p. 223), ilumina nossas ideias e é útil para a navegação, a agricultura etc. Recomenda, ademais, manter distância da astrologia.

Por fim, Cassiodoro invita à santidade e, por conseguinte, à salvação, para assim contemplar a Deus na visão beatífica.

A tradução atende, em si mesma, aos mais altos padrões de interpretação textual, apesar do apurado e particular estilo de Cassiodoro no original latino,

ainda estruturado na forma clássica, mas já ventilado por neologismos de sua época. O foco do ilustre mestre de *Vivarium*, porém, é a clareza, pois o seu escopo é, antes de tudo, instruir. Com acerto, pondera a apresentação do livro: “Podemos mesmo conjecturar que talvez o êxito de seu escrito se explique justamente pelo fato de o autor conciliar de maneira magistral a simplicidade didática na exposição dos temas com um bom estilo latino que se empenha em seguir os cânones da literatura clássica” (p. 11).

Apesar da louvável tradução, vale incluir algumas observações. Em primeiro lugar, a parte técnica das referências é quase sempre desatendida. Seria muito profícuo distinguir as fontes exatas utilizadas por Cassiodoro, até mesmo como pleito de homenagem ao seu infatigável labor de recuperação dos códices. Por vezes, a edição exclui até mesmo as obrigatórias referências bíblicas (e.g. p. 25.99). Desconhece-se, outrossim, qual é a versão latina adotada. Seja como for, são individuadas algumas incongruências. Por exemplo, na edição crítica de Mynors (Oxford, 1961, p. 97), o capítulo II do livro II começa apenas duas linhas depois do assinalado na divisão de Medeiros (p. 152-153): “*Rethorica dicitur...*”, onde há, ademais, um ligeiro deslize na grafia latina do título: *Ret[h]orica* (p. 152).

Por fim, vale acrescentar ainda pequenas observações. A forma para o rei Acab (e não Acabe) é certamente

mais apropriada (de modo semelhante: Joab, Nadab, Raab etc.). Além disso, ignora-se o motivo da tradução de *pater Augustinus* por “Santo Agostinho” (p. 48-49; 144-145; 234-235 etc.). Por que não se verteu para “Pai Agostinho”, conforme a fórmula ainda hoje em vigor? Também surpreende a omissão do novo acordo ortográfico

da língua portuguesa, implementado obrigatoriamente desde 2016.

Não obstante tudo isso, cumpre congratular a iniciativa da edição desta obra fundamental para a cultura medieval e, portanto, para toda civilização ocidental.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)